

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal

Exmas. Senhoras vereadores e senhores vereadores

Exmas. Senhoras e senhores deputados

Exma jovem autarca

Exmo presidente da assembleia das crianças

Exmo. Público presente

Hoje celebramos e continuamos a lutar para cumprir aquele que foi o momento mais marcante da história recente do nosso país. Celebramos a liberdade em todas as suas dimensões, honramos todos os que por ela deram a vida e lutamos para cumprir a vontade da geração pobre, oprimida e explorada que, no dia 25 de Abril de 1974, se levantou numa onda popular contra a Guerra colonial, contra a ditadura, contra o fascismo e contra a exploração.

Há 47 anos atrás, na noite de 24 de abril, os cidadãos adormeciam num país onde poucos iam à escola e muito poucos sabiam ler ou escrever; adormeciam num país onde o trabalho infantil era uma realidade generalizada e onde não havia salário mínimo, onde muito do trabalho era à jorna e não havia proteção no desemprego.

Na noite de 24 de abril, a PIDE ainda andava à espreita e a liberdade de expressão era tolhida e castrada. Na noite de 24 de abril a autodeterminação ainda era uma miragem e cabia ao regime fascista a determinação do pensamento individual e grupal, obrigando os cidadãos a defender ideias colonialistas e a morrer por eles, na guerra do Ultramar.

Tal como em todas as noites anteriores a esta, na noite de 24 de abril o medo e a falta de liberdade imperavam, mas algo clareou e o dia nasceu completamente diferente. Primeiro foram os soldados e os capitães, depois as pessoas que se juntaram nas ruas, aos milhares, gritando Liberdade. Derrubou-se a ditadura, expulsaram-se os oligarcas, conquistou-se a liberdade e a democracia. E com elas viriam os direitos, o direito ao trabalho, À saúde, À educação e o direito a eleições livres.

A longa noite, que tal como em todo o país, também era bem longa em Santa Maria da Feira, acabara. Um novo mundo começava.

Hoje festejamos o fim dessa noite, sabendo que há tantas outras que ensombram o nosso presente e o nosso futuro. E essas também precisam ser derrubadas. Urge a necessidade de fazer nascer novos dias na nossa vida.

Vivemos hoje novos tempos, com novos desafios.

Em tempos de pandemia, as consequências são calamitosas para a maioria da população. Uma parte significativa dos portugueses perdeu o emprego, outros viram os seus rendimentos substancialmente reduzidos.

Esperava-se pois, tanto do poder central, através do governo, tanto do poder local, através das autarquias, uma inflexão nas suas políticas, reforçando significativamente a proteção social e os serviços públicos, para assim minimizar as consequências da crise na vida dos cidadãos. Mas, como é possível constatar, esse reforço foi inexistente.

Aqueles que viveram em tempos de fascismo, e que hoje precisam de apoios solidários por parte da Câmara, veem o executivo municipal recusar esses apoios, alegando falta de verba. No entanto, parece ser inesgotável a existência de verbas para perdoar a dívida da empresa P. Parques.

As disparidades já existentes foram amplificadas nestes tempos tumultuosos de pandemia, intensificando ainda mais as fragilidades do modelo capitalista.

O direito a habitação cada vez mais em risco para milhares de famílias, o aumento do desemprego, da fome, dos pedidos de auxílio têm sido uma realidade galopante, ainda assim Governo e autarquias parecem ignorar esta realidade. Aproveitando a pandemia para o marketing e oferecendo na prática uma mão cheia de nada às populações que estão cada vez mais fragilizadas e amedrontadas.

A famosa bazuca prepara-se para passar ao lado das populações e engordar os clientes habituais, clientes esses que pertencem a uma elite já bem conhecida do tempo do fascismo.

Para nós, é essencial e urgente investimento público, capaz de alavancar a economia e modernizar o país, combatendo de uma vez por todas as assimetrias sociais e territoriais.

A união europeia em nome da submissão ao poder económico deixa em perigo os seus cidadãos ao recusar-se ao levantamento das patentes das vacinas.

É a própria Organização Mundial de Saúde que propõe o levantamento das patentes das vacinas contra a Covid para aumentar o volume e rapidez da sua produção.

No entanto, a união europeia coloca-se submissa perante os interesses da indústria farmacêutica, mesmo depois de ter sido a própria a financiar uma parte significativa da investigação científica.

Os governos dos países da união europeia também se encolheram face às pressões externas, não conseguindo sequer defender condignamente a vida dos seus concidadãos.

À pandemia da covid-19, juntou-se a pandemia da submissão de governos e governantes aos interesses dos colossos da indústria farmacêutica. É tempo de acabar com essa submissão, e não há melhor data para o defender do que esta.

É imperativo romper com as malhas da corrupção, criminalizando o enriquecimento ilícito. Estranha-se que 47 anos depois de abril, os corruptos e a elite continuem a passearem-se alegremente, muitas vezes até nos corredores do poder. Enquanto existem partidos que se recusam liminarmente a criminalizar o enriquecimento ilícito.

Faz-se também necessário reforçar a escola pública, acabando com a presença de negócios privados nestes estabelecimentos de ensino. Defendemos a escola pública tal como ela foi conquistada a 25 de abril. quando se contratam empresas privadas para confeccionar as refeições dos alunos, há consequências que todos conhecemos, mas apenas alguns de nós as querem solucionar.

Fortalecer e melhorar a escola pública é determinante para ao avanço civilizacional, é um instrumento essencial no combate às várias pandemias que nos assolam nomeadamente a do negacionismo, da ignorância do racismo e da xenofobia.

Cumprir abril é reforçar o serviço nacional de saúde e acabar com as parcerias público privadas, que na prática são garantias de rendas aos privados à custa do erário público.

A sociedade moderna tem de romper de uma vez por todas com a matriz reaccionária da caridadezinha, avançando para a implementação de verdadeiras políticas de protecção social. Só assim se vai conseguir esbater as desigualdades sociais e dignificar todos os cidadãos.

Respeitar o legado de Abril é respeitar, também, a vontade e os anseios do povo. Um povo e toda uma geração que se levanta pelo combate às alterações climáticas e pela defesa do meio ambiente. O povo que se levanta pelo planeta é o mesmo que se opõe ao abate constante de árvores. E é lamentável que o povo se levante sozinho, sem contar com apoio da autarquia nessa luta.

Respeitar o legado de Abril é respeitar, também, uma sociedade onde caibam todos e isso implica a emancipação de toda a população que nunca será conquistada enquanto Santa Maria da Feira estiver repleta de barreiras arquitetónicas.

Abril é transformação e luta. Nunca nos esqueçamos disto e teremos, sempre, o horizonte desta revolução na nossa conceção do mundo. Viva Abril!